

Primeiro Texto
Uma Experiência Comunitária: Vila Santa Casa e Ilha Diana ¹

Fernando De Maria dos Santos ²

Universidade Santa Cecília – UNISANTA – Santos - SP
2009

¹ Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, IX Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, professor universitário e doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), email: fernandodemaria@unisanta.br

Resumo

O jornalismo comunitário é um termo que merece estar presente nas discussões voltadas à profissão. Neste sentido, o estudante de Jornalismo tem papel preponderante para agir, ainda em âmbito acadêmico, com ações voltadas para o bem-estar da comunidade, especialmente em localidades onde o acesso à informação é pequeno ou nulo, ou a retratação é feita de forma negativa. Afinal, no tripé ensino-pesquisa-extensão inerente ao papel das universidades, cabem aos cursos de Jornalismo a ampliação de horizontes e discussão junto à população de propostas que sejam importantes para a valorização e desenvolvimento da coletividade, usando a comunicação como ferramenta para atingir este objetivo.

Palavras-chave

Jornalismo comunitário; jornal-mural laboratório; técnicas de edição jornalística

Corpo do trabalho

Uma das questões inerentes ao processo jornalístico, especialmente em âmbito universitário, é a de trazer ao aluno discussões sobre os temas sociais a qual ele está envolvido dentro da realidade regional. Neste sentido, é importante inserir o jovem jornalista dentro de uma realidade que, muitas vezes, ele desconhece do seu cotidiano. Para tanto, as disciplinas *Laboratório de Impressos I e II*, ministradas no 3º e 4º bimestres, do curso de Jornalismo da Universidade Santa Cecília, de Santos (SP), atua na discussão do fazer jornalístico, reservando um bimestre especificamente para a elaboração prática do Jornalismo Comunitário, atendendo os preceitos previstos na formação básica para a criação do conceito de universidade (pesquisa-ensino e extensão, em especial, em relação ao projeto ora proposto).

A ação vem ao encontro do papel representado pela universidade, tomando como referência o curso de Jornalismo.

“É preciso que a universidade desempenhe um dos seus papéis mais importantes: estar vinculada à elaboração de um projeto nacional de desenvolvimento econômico com justiça social. É a vinculação a este projeto que dará legitimidade à universidade enquanto instituição” (BOVO, 1998, p. 17)

O raciocínio é referendado pelo professor José Marques de Melo, em texto que analisa os novos caminhos do jornalismo, onde se insere a área comunitária.

“Estamos vivenciando novos tempos, marcados pela emergência de um forte sentimento de cidadania, que tem revitalizado a nossa vida comunitária. É plausível que a imprensa dos grotões brasileiros (ou daquelas cidades situadas nos entornos metropolitanos construídos pelo agronegócio), desafiada pela vigilância comunitária, acerte o passo com o interesse público. E, dessa maneira, corte o cordão umbilical que a atrelava economicamente ao poder local, passando a orientar sua política editorial em consonância com as legítimas aspirações dos seus leitores”. (MELO, 2009, p.252)

Marques de Melo ainda enfatiza a responsabilidade dos cursos de jornalismo, que podem investir nesta prática acadêmica.

“Esse processo só poderá ser nutrido e viabilizado se contar com profissionais competentes. Daí a responsabilidade dos cursos de jornalismo mantidos pelas universidades, principalmente daquelas que possuem perfil comunitário. Por meio do ensino, da

pesquisa e da experimentação é possível construir um jornalismo comunitário que, sendo fiel às demandas coletivas, tenha capacidade de manter-se de acordo com os princípios da livre iniciativa e do pluralismo ideológico” (idem)

E o Primeiro Texto, jornal-laboratório elaborado pelos alunos dos cursos matutino e noturno de Jornalismo, tenta cumprir esta meta, estimulando o aluno à prática jornalística e conscientizando-o sobre seu papel na sociedade onde atua. O projeto, inclusive, destaca-se pelo baixo custo, o que possibilita sua implantação em qualquer instituição, bastando ter apenas computadores, programas de edição de texto (Pagemaker 6.5 ou correlato) e impressora A-3, que permita a impressão de cópias em formato maior. As mesmas podem ser fixadas em locais de circulação para que o público seja informado.

Lugar de repórter é na rua

Ao escolher o curso de Jornalismo, muitas vezes o aluno desconhece o seu real papel dentro da comunidade onde está inserido.

“o processo de aprendizagem do educador e do educando passa, necessariamente, pela integração do ‘aprender a aprender’ de Paulo Freire com o ‘saber pensar’ de Pedro Demo e pelo ‘aprender fazendo’ de Célestien Freinet. Pensar, refletir e agir. Três verbos cujas conjugações não podem mais estar ausentes do sistema de ensino do comunicador em geral e do jornalista em particular”. (CALDAS, 2005, p.87)

Neste sentido, é importante que tanto docente como discente adotem ações de cidadania, utilizando-se o jornal-laboratório como momento para colocar em prática possíveis teorias ministradas em sala de aula.

E nada melhor do que ir *in loco*, parafraseando o jornalista Ricardo Kotscho, na qual ‘lugar de repórter é na rua’. E assim, dentro do conceito de Jornalismo Comunitário, professores e alunos tentam traçar, dentro do tempo disponível na disciplina, ações que permitam uma maior aproximação da realidade de regiões periféricas de Santos e região junto aos alunos.

Neste sentido, vale destacar alguns aspectos caracterizam uma mídia como comunitária:

- a) Estar aberta à participação ativa dos cidadãos e suas entidades representativas;
- b) As pessoas da própria comunidade se revezam enquanto produtoras e receptoras dos produtos comunicacionais;
- c) Desenvolvimento do processo de interatividade na comunicação;
- d) Autogerida pelas entidades representativas da própria comunidade;
- e) Autonomia e livre de ingerências em relação aos órgãos do Governo, grande mídia, partidos políticos e seus afiliados etc;
- f) Não tem interesses comerciais;
- g) Oferece possibilidades ilimitadas de inovação de linguagens e formatos de programas
- h) Programação sintonizada com a realidade local. Temas de interesse local
- i) Dirigida a segmentos específicos da população
- j) Alcance limitado em termos de cobertura, audiência ou número de leitores
- k) As ações se desenvolvem em torno de interesses comuns
- l) Envolve um processo de aprendizado no exercício da democracia e da cidadania. (PERUZZO, 1998, p. 152)

Por sua vez, o jornal-laboratório acaba sendo um momento importante para realizar, ainda que dentro das limitações existentes (tempo, número elevado de alunos participantes), um trabalho que se aproxime desta realidade, algo impossível se for feito meramente com interesses comerciais, como costuma ocorrer em várias ocasiões, especialmente em veículos tradicionais.

Conforme o professor-doutor Dirceu Fernandes Lopes, existem três tipos de comunidade-receptora dos jornais-laboratórios:

“Interna – público formado pela população acadêmica da própria escola, ou seja, alunos, professores, dirigentes e funcionários; externa – público formado pela população de uma região, bairro ou grupo mais específico de pessoas; e mista – quando atinge parcial ou totalmente segmentos das duas primeiras”. (Lopes, 1989, p. 55)

Neste contexto, vale destacar, como exemplo, o jornal comunitário a qual os alunos devem fazer no segundo bimestre do segundo semestre do curso de Jornalismo

da UNISANTA. É dentro desta linha que se apresenta o jornal-laboratório *Especial Ilha Diana* (turma noite) e *Especial Vila Santa Casa* (turma manhã), realizado entre os meses de outubro e novembro de 2008, que enfatizaram o trabalho desenvolvido em duas comunidades de Santos, no litoral paulista.

A primeira é uma vila de pescadores, onde residem 250 pessoas, um dos poucos redutos caiçaras do litoral. O outro jornal é voltado para uma comunidade carente que ocupa uma das áreas em franca valorização imobiliária na cidade de Santos, sendo a única favela da Região Leste do Município.

A série de reportagens elaborada pelos alunos representa um produto laboratorial de elevada qualidade, sendo, inclusive, objeto de elogios de vereadores na Câmara Municipal de Santos, que enviaram ofícios destacando o trabalho e colocando-se à disposição para o atendimento desta parcela da população.

Aliás, além das cópias entregues às comunidades, após lidas e discutidas com e pelos moradores em questão, que participaram diretamente do projeto, outros exemplares são encaminhados aos 17 vereadores e ao prefeito do Município para que avaliem e conheçam as histórias, carências e lutas da população atendida de forma que tomem conhecimento também das reivindicações desta parcela da cidadãos, que, na maioria das vezes, não encontra eco nos meios de comunicação tradicionais.

A experiência ocorre desde 2005, com atuação dos alunos em áreas periféricas, iniciando pelos cortiços de Santos, onde residem cerca de 10 mil pessoas em subabitações em precárias condições. Em 2006, a proposta foi levada ao Dique da Vila Gilda, na divisa com o município de São Vicente, onde residem 20 mil pessoas, boa parte delas em palafitas sobre os mangues. No local, o trabalho foi atrelado à Ong Arte no Dique, vencedora de vários prêmios e que tem na cultura a sua forma de inserção social, sendo ‘batizada’ pelo grupo baiano Olodum.

No local, eles promovem o projeto Querô, de inserção social de jovens utilizando a música e a cultura em geral como elementos transformadores. O grupo já lançou CD e recebeu a visita de músicos, como Pepeu Gomes e Moraes Moreira, sendo apadrinhado pelo ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil. Recentemente, a instituição foi agraciada com a construção de sua sede cultural, tendo obtido recursos diretamente do Ministério da Cultura, cujas obras iniciarão ainda em 2009. Em 2006, o destaque foi o Dique da Vila Gilda, um dos núcleos mais violentos de Santos, onde é realizado o projeto.

Em 2007, os alunos elaboraram uma série de reportagens mostrando a realidade da Vila Alemoa, onde residem milhares de pessoas e que foi palco de uma tragédia às vésperas do Natal de 2006, quando 166 famílias tiveram seus imóveis queimados por um incêndio. O drama das famílias, a situação do bairro, a brutalidade policial e as más condições da região resultaram nas reportagens e, como consequência, no produto editorial que tenta reforçar o papel social do jornalista com a participação efetiva da sociedade. Pelo menos, três vereadores encaminharam cartas à direção da faculdade elogiando o material apresentado e se colocando à disposição para ajudar a comunidade em vários aspectos.

A visita dos alunos e o trabalho desenvolvido foi objeto de reportagem veiculada na Santa Cecília TV, dentro do programa *Notícias do Campus*. Graças ao trabalho realizado, o projeto ganhou o prêmio Intercom em 2008 em sua categoria, ratificando a importância da filosofia do projeto.

Os dilemas entre o desenvolvimento econômico e as carências sociais marcaram os dois modelos de 2008. A turma do período matutino resolveu conhecer um pouco mais sobre a comunidade da Vila Santa Casa (antigo Caldeirão do Diabo), onde cerca de 90 famílias residem em condições precárias em uma área que tem sido alvo de interesse por parte de empresas do setor imobiliário. Ao lado da favela (a única da região Leste de Santos), um novo empreendimento começa a ser erguido, provocando impactos no cotidiano desta comunidade.

Os alunos do noturno resolveram conhecer um pouco da comunidade da Ilha Diana, cujo único acesso ao local é por barcos ou catraias. A exemplo dos moradores da Vila Santa Casa, os desta localidade também enfrentam o preço do progresso, em razão da construção do maior terminal portuário privado do País, o Embraport, do grupo Coimex. O avanço das obras próximas à ilha já se refletem na diminuição da pesca na região. O empreendimento deverá estar concluído em 2011. O futuro daquela comunidade é uma incógnita.

Ambos os projetos foram escolhidos para representar a Região Sudeste na categoria jornal-mural, aguardando a divulgação final dos resultados no Expocom 2009.

Métodos e técnicas utilizados

Para a elaboração do projeto, os alunos participam de todas as etapas possíveis, desde a escolha da comunidade a ser envolvida, da elaboração dos textos, fotos, edição, diagramação e impressão. Além disto, comparecem às reuniões com as comunidades (no local e na própria universidade) para a troca de idéias e de informações para pautar e ajudar no desenvolvimento do produto laboratorial.

Após a etapa da captação das informações, correção dos textos, edição e elaboração do ‘boneco’ para envio à comunidade, o veículo é discutido por moradores e devolvido aos alunos para as devidas alterações, caso haja necessidade, antes da impressão final. Deve-se salientar que todo o processo é feito pelos alunos, permitindo o envolvimento coletivo dos estudantes que aprendem na prática a importância do trabalho conjunto, algo fundamental para quem opta pelo Jornalismo.

Outro fator preponderante é que a proposta tem um custo relativamente baixo (computadores, programas voltados à diagramação e impressora A-3 p&b), podendo ser adotada por qualquer instituição de ensino como um produto laboratorial. Ou seja, a simplicidade para atingir o público-alvo facilita a sua implantação.

Descrição do processo/produto

O jornal Primeiro Texto foi criado, dentro da disciplina *Laboratório de Impressos I e II* do curso de Jornalismo (3º e 4º semestres), sendo, inicialmente, elaborado como forma de boletim de circulação restrita aos alunos. Há seis anos, o mesmo passou a ser elaborado em forma de jornal-mural elaborado pelos alunos às quartas-feiras (turma manhã) e aos sábados (turma noite), ambas no período matutino.

Há quatro anos, os professores envolvidos Luiz Carlos Bezerra, Fernando De Maria dos Santos (textos), Valéria Nader (Língua Portuguesa) e Fernando Cláudio Peel (diagramação e planejamento gráfico) resolveram promover alterações significativas no ato de fazer o referido impresso. Os trabalhos muitas vezes iniciam-se por volta das 8h30 do sábado, encerrando-se às 15 horas ou mais, incluindo o processo de correção de

textos, edição e diagramação para posterior fixação dos murais em pontos referenciais da universidade.

No primeiro bimestre, os alunos buscam pautas livres, escrevem seus textos e os entregam no dia da aula (que são quinzenais, com revezamento de turmas para o período noturno). Após a correção, o material é editado e diagramado pelos próprios alunos, sob supervisão dos professores. Após a pré-impressão, o mesmo é corrigido novamente antes da sua fixação no interior da universidade.

O mesmo ocorre no segundo bimestre do mesmo semestre, só que os alunos passam a elaborar textos dentro de editorias já estabelecidas (Saúde & Qualidade de Vida, Economia & Política, Cultura & Lazer, Esportes, Geral, Educação & Campus). No primeiro bimestre do segundo semestre, os alunos fazem o *Jornal do Dia – Primeiro Texto*, ou seja, as pautas são distribuídas pelos professores, a partir das 8h30, e os alunos vão às ruas para captarem as informações, fazem as entrevistas, voltam à redação para escrever os textos, depois ajudam no fechamento do material, incluindo na diagramação. Desta forma, espera-se a participação do aluno em todo o processo (captação, redação, edição, diagramação e impressão) do material.

O segundo bimestre do segundo semestre (outubro/novembro) é reservado à atividade de Jornalismo Comunitário. Neste sentido, os alunos escolhem uma comunidade onde atuarão e ficam responsáveis de contatar as lideranças destes grupos sociais para comparecem à universidade e apresentar seus projetos. As palestras/conversas se transformam em pautas, que alimentam o material a ser desenvolvido.

Na semana seguinte, todos os alunos (em 2008, foram cerca de 50 do período noturno e 15 no matutino) visitaram as comunidades envolvidas para entrevistar moradores e conhecer *in loco* as dificuldades enfrentadas pela população, coletando informações, elaborando fotos e entrevistas. Nas semanas seguintes, os estudantes retornam ao local para a coleta e conclusão dos dados, além da entrega dos textos aos professores. O mesmo é editado, diagramado e impresso.

Após esta etapa, o material é encaminhado à comunidade para avaliação. Novamente, os alunos retornam ao local para a entrega do resultado apresentado (jornal-mural), que pode ser alterado ou acrescido, ficando a critério da comunidade fazer as devidas alterações/correções. Membros da comunidade analisam o material e, na

semana seguinte, retornam à universidade, onde irão apresentar aos alunos seus pontos de vista e comentar o resultado. Após as devidas correções, o material é impresso e entregue aos moradores para exposição em áreas de grande circulação dentro das comunidades. Não bastasse, o mesmo é enviado ao prefeito e aos 17 vereadores do Município de forma a fechar o elo entre a comunidade e as autoridades políticas.

Considerações

O envolvimento da população neste processo é fundamental, pois, para muitos, é a primeira vez que eles podem interferir diretamente na notícia, fazendo observações importantes que muitas vezes passariam despercebidas pelos jornalistas, inclusive pelos professores. Como o caso da líder comunitária da Vila Gilda (onde residem 20 mil pessoas, na divisa entre Santos e São Vicente), que solicitou a retirada de uma frase em sua entrevista temendo que ocorressem represálias por parte de traficantes residentes na sua comunidade. Ou também dos moradores da Vila Alemoa que pediram para os nomes dos rapazes que apanharam de policiais fossem substituídos para não serem novamente vítimas daqueles que deveriam dar-lhes segurança e não provocar-lhes medo.

Também vale destacar a importância deste tipo de iniciativa ao ouvir dos moradores da comunidade que o jornal acabou se tornando no único veículo de comunicação a qual eles, excluídos da sociedade e da mídia, são retratados como cidadãos, com seus direitos, sonhos e que buscam seu lugar ao sol, a exemplo do jovem que conseguiu mostrar sua arte do *hip-hop* na França (Vila Alemoa). Ou seja, o morador se vê como cidadão e não como vítima de violência ou tragédias como estão acostumadas a se deparar nos noticiários da Imprensa tradicional.

Para os alunos, a experiência é altamente gratificante e contribui para a sua formação profissional. Além disto, possibilita o trabalho em grupo, algo comum nas redações, mas nem sempre praticado em âmbito acadêmico. O aluno Yves Salgado, um dos participantes do projeto da Ilha Diana na edição passada, enfatiza a questão:

“Se na atualidade é discutida a liberdade de expressão e a obrigatoriedade do diploma para a prática do jornalismo, garanto que esse projeto mostra claramente que nossa carreira é sim uma profissão com conhecimentos práticos, humanos e técnicos. E, por isso, deveria ser

necessária a obrigatoriedade do diploma para a prática da função jornalística”.

“Talvez o jornal Primeiro Texto tenha sido o primeiro, e quem sabe o último (infelizmente), projeto que contou com o engajamento geral da turma dentre os quatro anos da universidade. Até o momento não sabemos o real significado de trabalho em equipe. Isso mesmo, a cada dia o capitalismo divide as pessoas e as larga isoladamente pensando apenas em seu dinheiro, seu poder e sua vida” (...)

“Não que os títulos e premiações valham muito (...) e acho que quem realmente participou do projeto mudou/modificou (ou aprimorou) sua visão de mundo”.

O também estudante Halley Rodrigues de Lima destacou ainda que, muitas vezes, os personagens simples é que têm grandes histórias para contar.

“Na parte jornalística da cobertura, a descoberta de histórias e relatos fantásticos nos trazem a crença de que toda pessoa, desde que seja abordada corretamente e com receptividade, tem uma história bacana de ser ouvida e publicada. Notícias sendo retiradas de um universo muito pequeno era a preocupação inicial, que foi posteriormente desmentida quando nos deparamos com uma realidade pouco visível aos olhos da sociedade e produtora de casos fantásticos”.

“O projeto marca as inúmeras descobertas que foram feitas a cada visita, aliada a parte da utilidade pública, premissa básica do jornalismo, que foi dar voz a uma comunidade que passa por um dilema”.

É desta forma, que esperamos conscientizar os jovens-alunos sobre o seu papel social e sua importância dentro do processo de transformação. Afinal, é na universidade onde tal espaço deve ser incentivado, pois, infelizmente, no mercado tal reflexão dificilmente é realizada. Assim, espera-se que o aluno de hoje seja um profissional com maior visão social do amanhã.

Sabemos que a iniciativa ainda é pequena, mas abre-se uma perspectiva para ações de continuidade, como ocorreram com estudantes que, mesmo após terem cumprido a etapa acadêmica, continuaram e continuam freqüentando as áreas que foram objeto dos trabalhos.

Referências bibliográficas

BOVO, José Murari. *Universidade e Comunidade – Avaliação dos Impactos Econômicos e da Prestação de Serviços*. São Paulo: Edições Unesp., 1998.

CALDAS, Maria das Graças Conde. *Ética e Cidadania na Formação do Jornalista*. In: *Comunicação & Sociedade. Discurso e Prática no Ensino da Comunicação – nº 44*. São Bernardo do Campo: Umesp, 2005.

LOPES, Dirceu Fernandes. *Jornal Laboratório - Do Exercício Escolar ao Compromisso com o Público Leitor*. São Paulo: Summus Editorial, 1989.

- . *Perfil do Jornal-Laboratório no Brasil*. In: *Sociedade Mediática: significação, mediações e exclusão*. Santos, SP: Ed. Universitária Leopoldianum, 2000.

MELO, José Marques de. *Jornalismo – Compreensão e Reinvenção*. São Paulo: Editora Saraiva, 2009.

PERUZZO, Cicília M. Krohling. *Mídia comunitária*. In: *Comunicação & Sociedade. Identidades Comunicacionais – nº 30*. São Bernardo do Campo: Umesp, 1998.